

## Como superar as novas doenças tropicais?

**Carlos H. N. Costa**

Universidade Federal do Piauí

Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical

As doenças tropicais têm sido tradicionalmente identificadas como doenças exóticas, rurais. As doenças parasitárias e as doenças transmitidas por vetores nos trópicos fazem parte deste imaginário, delineado pelos britânicos na virada do século XIX para o século XX, no auge do colonialismo. O fato determinante foi a criação da London School of Tropical Medicine por Patrick Manson. A partir deste momento, numerosos institutos foram criados entre os colonizadores, entre eles, em Portugal, a Escola de Medicina Tropical, que deu origem ao Instituto de Medicina Tropical de Lisboa. A essência da Medicina Tropical era o domínio dos trópicos, seja através da proteção à saúde dos colonos e das tropas de ocupação. Nestas circunstâncias, as grandes e decisivas descobertas foram e têm sido feitas pelas nações desenvolvidas, ex-colonizadoras, embora importantes descobertas tenham também sido feitas por cientistas dos países tropicais.

Doenças como a malária, a doença do sono, a febre amarela, a esquistossomose e outras verminoses tornaram-se o paradigma. A elas, agregaram-se doenças não infecciosas como a desnutrição e os acidentes ofídicos. As origens comuns a estas doenças podem ser resumidas na palavra “eco-eco”, para denominar a influência do ecossistema determinado pelo clima e da economia determinada pelas relações políticas internas e globais, com as altas temperaturas e a pobreza, como as causas últimas das doenças tropicais.

Entretanto, passados mais de um século, o mundo mudou muito e mudaram o perfil das doenças tropicais. Os avanços na medicina e na saúde pública tiveram impacto na redução da transmissão, da morbidade e da mortalidade de muitas destas doenças, apesar da pobreza e de maus governos, que limitaram aplicação plena dos avanços científicos nos trópicos. Estas mudanças levaram a modificações importantes nas doenças tropicais, com redução da incidência nas áreas

rurais enquanto novos problemas surgiam nas cidades dos trópicos. As vacinas constituíram-se no ganho científico de mais dramático efeito, como foi o caso da interrupção da transmissão da varíola e da poliomielite e a vacina para febre amarela. A agricultura extensiva para plantios comerciais também reduziu a transmissão de várias doenças parasitárias, como a doença de Chagas e a malária, ao realizar modificações das paisagens naturais, que levaram ao desaparecimento dos ecótopos naturais de vários agentes e vetores. Talvez a mais dramática mudança nos trópicos, mesmo maior que o fim da colonização e do apartheid de raças ou castas, tenha sido a diáspora do campo para as cidades. Este fenômeno mundial, mais acelerado na América Latina, a ponto de apenas 15% de sua população ainda viver no campo, foi disparado por dois fenômenos: o mais fácil acesso a bens como a assistência à saúde e às oportunidades de educação e trabalho nas cidades, e, principalmente, ao prejuízo da agricultura familiar iniciado pelo baixos preços dos produtos alimentares gerados pela revolução verde, mais precoce nos países ricos, e ao forte subsídio à agricultura nestes países.

O resultado deste processo foi a migração maciça para as cidades tropicais, onde não havia oferta de trabalho e não houve planejamento urbano adequado, o que induziu a formação das favelas. Seguramente, as favelas se constituem em um dos maiores desafios para o futuro dos trópicos. Estas aglomerações humanas ocupam geralmente os piores locais do território peri-urbanos tais como encostas, pântanos e locais contaminados. São abandonadas pelos Estados e, em conseqüência direta do abandono, muitas tornam-se vítimas dos senhores dos crimes e das drogas, gerando violência, medo e, provavelmente, doença mentais. Esta nova paisagem, densa e intensa, torna-se um ambiente propício à emergência de doenças infecciosas urbanas como a dengue, o calazar, a leptospirose, a tuberculose e a sida. Hoje

cerca de 50% das populações urbanas tropicais moram em favelas. A isto, se alia a tragédia dos acidentes de trânsito nos trópicos, particularmente de motocicletas, produzidos pela cultura de ausência da regra das leis e de estados fracos e corruptos.

Assim, após um século, emergiram novas doenças tropicais, agora de causas não necessariamente infecciosas, mas de origem no sistema urbano, onde surgem as doenças de causa externa como elemento dominante; por exemplo, estima-se que em 2030 os acidentes de trânsito matarão mais que a sida, sendo a maioria das mortes por acidentes de motocicletas. Estes ambientes insalubres dominarão o mundo caso a diáspora do campo não cesse e as oportunidades de trabalho não surjam nas cidades tropicais, particularmente nas grandes populações da África e do Sul da Ásia. Para tal, são necessárias mudanças profundas nos trópicos.

Para que os trópicos possam, eles próprios, controlar as doenças tropicais sem dependerem da ajuda dos países ricos, será necessária geração de riqueza e de boas públicas. Para tal, entretanto, será fundamental o combate ao maior problema político dos trópicos, que são as oligarquias. Estas estruturas de Estado, alimentadas durante a guerra fria por ambas as oponentes, os capitalistas e os socialistas, são auto-sustentáveis, difícilísimas de serem erradicadas e representam o maior obstáculo para políticas públicas eficientes e para o desenvolvimento econômico. Assim, para que haja recursos e que eles sejam aplicados efetivamente para aqueles que deles mais necessitam, os mais expostos às velhas e às novas doenças tropicais, a democracia plena, de fato, no seu sentido político mais original, deverá ser o maior instrumento para que os povos tropicais, de forma ativa e independente, possam superar os maiores desafios dos trópicos, onde é seu lugar no mundo.

22 de setembro de 2013